

# EDITORIAL

---

## Em memória de João Malaca Casteleiro

Carlos Ascenso ANDRÉ\*

### 1. Em memória de João Malaca Casteleiro

Voltemos atrás uns meses, ao início de 2020, há cerca de um ano, sensivelmente. Estavam lançadas as bases do presente número (o segundo) da revista *Orientes do Português*. Grande parte, senão mesmo a totalidade dos artigos estava já em poder dos revisores científicos, o volume estava desenhado.

É justamente nesse momento que somos surpreendidos com a notícia de que o Professor João Malaca Casteleiro deixara de estar entre nós – falecera a 7 de Fevereiro desse ano de 2020. A decisão de dedicar à sua memória o número da revista que estava a ultimarse foi espontânea e natural, por ser, acima de tudo, um acto de justiça.

O Professor Malaca Casteleiro era, desde há muito, um dos grandes amigos do Instituto Politécnico de Macau. Visita assídua do IPM, esteve presente nos momentos mais importantes da sua história, sempre com o seu conselho avisado e experiente, com as suas palavras de estímulo e incentivo, com o seu apoio quase

incondicional. Convidado vezes sem conta para inúmeras iniciativas, nunca deixou de aceder, ainda que com prejuízo de saúde e vida pessoal, e em todas elas nos trouxe o seu saber e a sua experiência em conferências e lições que enriquecem o património da instituição que somos.

Integrou durante anos (até a idade lho consentir) o corpo de avaliadores externos do IPM, o que foi para nós motivo de acrescida honra. E não por acaso. Desde há muito que laços de especial afecto o ligavam indirectamente a esta nossa instituição, por ter sido professor de duas das figuras que muito fizeram pela língua portuguesa nesta escola e que dão disso testemunho nestas páginas: o Professor Lei Heong Iok, até 2018 Presidente do IPM e agora Presidente do seu Conselho Geral, e o Professor Choi Wai Hao, vários anos Director da Escola Superior de Línguas e Tradução.

Mas Malaca Casteleiro era amigo não apenas do IPM: era um especial amigo de Macau e da China. Terá sido, porventura, o primeiro académico de Portugal a

---

\* Professor Honorário do IPM e Director Executivo da Revista *Orientes do Português*

acreditar profundamente no futuro do português no Oriente, em particular na República Popular da China, Macau incluído. E foi, nesse sentido, um visionário. Quando era ainda muito escasso o número de instituições de ensino superior chinesas onde se ensinava português (não mais de meia dúzia, talvez menos), já o Professor Malaca Casteleiro percebia que esse era um caminho de sucesso.

Foi por isso que se deslocou inúmeras vezes à RAEM, que aceitou responsabilidades pedagógicas na então Universidade da Ásia Oriental (hoje Universidade de Macau), que orientou trabalhos académicos relacionados com o ensino do português na China, que assumiu a pesada tarefa de dirigir a elaboração de materiais de apoio destinados a esse mesmo ensino. O corolário desta última actividade foi a publicação dos quatro volumes do manual *Português Global*, da autoria de Carla Oliveira e Luísa Coelho, sob sua direcção e supervisão científica e editados pelo Instituto Politécnico de Macau e, mais tarde, numa atitude pioneira e de grande alcance e significado, pela Commercial Press, de Pequim.

Uma leitura da entrevista feita a duas pessoas que lhe eram muito próximas, Maria José Grosso e Chrys Chrystello, publicada neste volume, deixa bem visível, através de dois testemunhos particularmente informados e muito sentidos, a ligação dele a Macau e, em geral, ao Oriente, a par também do seu empenhamento e entusiasmo em tudo quanto tinha a ver com a lusofonia.

Quando se celebraram em Pequim os cinquenta anos do ensino do português na República Popular da China, comemorações em que tive a honra de participar, ao tempo na qualidade de Director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a sua presença na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, a convite do IPM, foi entendida como natural; era, digamos, um justo preito de homenagem que ali lhe era prestado.

Contar com o apoio e insistentes palavras de estímulo por parte de alguém com a estatura do Professor João Malaca Casteleiro representou sempre para o IPM uma honra, mas também uma pesada responsabilidade; desde logo porque Malaca Casteleiro era um universitário e um académico de raro prestígio, em Portugal e

fora de Portugal, como nas páginas desta revista destaca Margarita Correia, sua discípula.

Linguista de renome e créditos firmados, dedicou-se à Sintaxe e à Semântica e, mais tarde, à Lexicografia, a área que haveria de apaixoná-lo até ao fim dos seus dias. Ao fundar na Academia das Ciências de Lisboa o Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa, abraçou a grande tarefa de levar por diante o *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*; diga-se dela o que se disser, esta é uma obra de referência incontornável e que deve tudo ao seu esforço, empenhamento e saber.

O seu nome fica igualmente ligado a um momento decisivo na língua portuguesa, o Acordo Ortográfico de 1990. Trata-se de um documento controverso, é verdade, polémico, também, e longe de ter alcançado a consensualidade; mas é inegável que Malaca Casteleiro nele se empenhou com inegável entusiasmo, perseverança, porfia e incontestável coerência, por acreditar com convicção ser esse o caminho certo, o que o levou a arrostar com todo o tipo de críticas e polémicas. O Acordo suscitou paixões e gerou fracturas que jamais se resolveram; mas nunca este seu promotor segregou quem quer que fosse em função disso. Eu mesmo, crítico assumido desse Acordo, sou disso testemunha: nunca senti da parte do Professor Malaca Casteleiro um vestígio que fosse de despeito ou melindre por causa disso, antes a nossa relação de amizade se aprofundou, apesar de tal divergência.

No que à China, nomeadamente a Macau, diz respeito, o que mais importará destacar, no entanto, é uma vertente especial do percurso do ilustre professor: o que tem a ver com o ensino do português como língua estrangeira. Essa é hoje uma área de investigação e ensino que suscita um forte índice de adesão um pouco por toda a parte; não era assim, no entanto, em 1984, quando fundou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o Departamento de Língua e Cultura Portuguesas, a que presidiu até à sua jubilação em 2006, dedicado justamente ao ensino da língua portuguesa como língua estrangeira. Nessa altura, esse era, se assim podemos dizer, um parente pobre da actividade universitária, no qual poucos ainda acreditavam. Um desses poucos era João Malaca Casteleiro – e o futuro veio a dar-lhe razão.

Admitido muito novo na Academia das Ciências de Lisboa, onde, como acima se diz, presidiu ao Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa, nela foi uma presença regular até perto do fim dos seus dias, quando a saúde o impossibilitou de manter essa assiduidade.

Legou-nos quanto fica dito e um sem número de publicações, quase todas na área da Linguística, aquela que privilegiou desde os anos de licenciatura. A sintaxe, a lexicografia e o ensino do português como língua estrangeira são, seguramente, as especialidades que predominam na sua vasta bibliografia.

Tive o privilégio de privar com ele na última década, em convívio nascido a pretexto do ensino do português na China e que rapidamente se transformou numa amizade que pouco a pouco se veio enraizando. Várias vezes nos cruzámos, depois do meu regresso do Oriente, na Academia das Ciências de Lisboa, num diálogo que não imaginei ver interrompido tão cedo.

João Malaca Casteleiro era – foi sempre – um universitário na acepção plena da palavra: investigador persistente e arguto, mestre apreciado, professor dedicado à sua universidade, aos seus estudantes, aos seus colegas, à instituição que servia. Era, além disso, um homem da terra. Um homem que, mesmo nos caminhos do mundo, soube sempre preservar as suas raízes nas serranias onde nasceu e que eram o seu húmus profundo de que jamais se apartou.

Ao dedicarem-lhe o presente número de *Orientes do Português*, o Instituto Politécnico de Macau e a Universidade do Porto, responsáveis por esta revista, homenageiam o professor, o universitário e o homem que foi, mas também o pioneiro dessa crença nas potencialidades do português no Oriente, em particular na República Popular da China.

## 2. O presente número

Nascido em tempo de pandemia e com as vicissitudes que lhe são próprias, nomeadamente no que toca à dificuldade sentida pelas pessoas em conviverem com a nova formulação dos espaços e instrumentos de trabalho, o presente número de *Orientes do Português* persiste na vontade de afirmação de uma publicação científica a Oriente voltada para as questões da língua

portuguesa e das culturas e literaturas que nela se exprimem.

Abre com dois textos breves em memória de Malaca Casteleiro, que se somam, assim, à parte inicial deste texto de apresentação: um que resulta de uma simbólica homenagem que congregou no IPM dois antigos alunos do homenageado, os professores Lei Heong Lok e Choi Wai Hao, a que se juntaram as professoras Rosa Bizarro e Lili Han e os professores Li Changsen (James) e Zhang Yunfeng (Gaspar); um outro da autoria de uma discípula próxima dele e depois sua colega, Margarita Correia, onde se destacam as suas qualidades científicas e humanas.

A homenagem completa-se com uma entrevista realizada por Caio César Christiano, professor do IPM e responsável pela equipa redactorial desta revista, a duas pessoas que mantiveram uma relação pessoal e também profissional muito estreita com João Malaca Casteleiro: a Professora Maria José Grosso, da Universidade de Macau, e o jornalista Chrys Chrystello, responsável pelos Colóquios da Lusofonia. Em tais entrevistas (são duas, em boa verdade) fica evidente a dimensão do homem e do académico que neste volume lembramos e homenageamos. E desvendam-se aspectos de uma riquíssima personalidade que só neste registo seria possível referir.

A parte mais científica da revista distribui-se por diversos domínios, tratados por nove investigadores, oriundos de quatro países.

Manuel Duarte João Pires, da Universidade Sun Yat-Sen, e Lin Manlin, do Instituto Politécnico de Macau, dedicam a sua atenção ao uso da internet como instrumento de aprendizagem da língua portuguesa por parte de estudantes chineses a viver no interior da China. Tema sobremaneira interessante nos tempos que vivemos, já que, se era escasso o contacto de tais estudantes com a língua que aprendem, pelo que a internet potenciava, por isso, esse contacto, mais escasso se tornou neste tempo de confinamento e de proibição de viagens.

Huang Lingchen (Ofélia), de parceria com Jin XinYi (Patrícia), a primeira da Universidade de Oxford, a segunda da Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, dedicam um estudo, na área da literatura brasileira, ao conto “Obsessão”, de Clarice

Lispector, cujo centenário acaba de celebrar-se. Reflec-tem sobre a relação entre vergonha, corpo e escrita feminina, numa pertinente análise de uma autora que cada vez suscita mais interrogações nesse domínio.

Os dois últimos trabalhos versam temas da área da pragmática.

Wang Peixuan, da Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, procede a um estudo comparativo de expressões proverbiais ou idiomáticas chinesas e portuguesas, a partir da dimensão cultural em que têm origem ou que nelas se expressam. Na sua análise, centram-se em expressões proverbiais ou idiomáticas das áreas da gastronomia, do mundo animal e de eventos ou figuras históricas, com o objectivo de melhorar a compreensão das línguas no contexto da comunicação intercultural.

Com origem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Universidade do Porto, José Luiz Ottoni Neves procede igualmente a uma análise comparativa, desta feita entre o português do Brasil e o japonês. O caso objecto de apreciação é a solicitação, em especial em duas vertentes específicas que nela intervêm: a relação de poder e o nível de imposição da solicitação. Assim se cruzam, em boa verdade, a pragmática e a sociolinguística, num texto com a finalidade expressa de auxiliar o ensino do português a estrangeiros.

Finalmente, a crioulística é a área do trabalho de Yang Aoran, com filiação na Universidade de Estudos Internacionais de Pequim e Jiang Li, do Instituto Politécnico de Macau. Estudam mais concretamente algumas particularidades do Kristang, o crioulo de Malaca, com raízes já no século XVI, vestígio da passagem portuguesa por esse território da Malásia, onde deixou memórias duradouras no património, em algumas tradições e, como pode ver-se, também na língua.

Dir-se-á que este número segundo de *Orientes do Português* não atingiu ainda a dimensão que os editores da revista ambicionam. É um facto. Mas é também um facto que, como diz um provérbio bem português, “Roma e Pavia não se fizeram num dia”. A afirmação de um projecto desta natureza requer tempo e requer, sobretudo, colaborações mais expressivas e numerosas. A revista está apostada em obter, o mais rápido possível, a inclusão em meios de indexação internacionais, condição indispensável a essa afirmação.

Uma palavra final para agradecer aos revisores científicos que apreciaram os trabalhos agora publicados; sem o seu contributo não seria possível alcançar a qualidade que *Orientes do Português* deseja e merece.

21 de Abril de 2021

### 北京外国语大学葡萄牙语专业创办50周年庆典暨第一届中国葡萄牙语教学国际论坛

2011年8月25日

